

MEGAN MAXWELL

PEDE-ME O
QUE QUISERES

Tradução
CRISTINA DIONÍSIO

 Planeta

Para todas aquelas pessoas que se enamoram
pela paixão e a quem o amor apaixona.

Capítulo 1

A minha chefe é uma grande chata.

Sinceramente, vou acabar por pensar o mesmo que metade da empresa: que ela e Miguel, o bonzão do meu colega, andam enrolados. Mas não. Não quero ser má-língua e entrar na mesma onda em que todas as minhas colegas entraram. A coscuvilhice.

Trabalho desde janeiro para a Müller, uma empresa farmacêutica alemã. Sou secretária da diretora das delegações e, embora goste do meu trabalho, muitas vezes sinto-me explorada. Bom... é que só falta à minha chefe amarrar-me à cadeira e atirar-me um bocado de pão para comer.

Quando por fim termino o monte de trabalho que a minha querida chefe me mandou ter pronto para o dia seguinte, deixo os relatórios em cima da mesa dela e regresso à minha. Pego na mala e vou-me embora sem olhar para trás. Preciso de sair do escritório senão ainda vou aparecer nas notícias como a assassina em série de chefes que julgam que são o centro do mundo.

São onze e vinte da noite... Que lindas horas!

Na rua chove a cântaros. Perfeito. Chuvada de verão. Chego à porta e, após ganhar coragem, corro para o estacionamento onde me espera o meu amado *León*. Entro na garagem ensopada e, depois de carregar no botão do comando, o *Leonzinho* pisca as luzes dando-me as boas-vindas. É tão giro...!

Apresso-me a entrar nele. Não sou medrosa, mas não gosto de parques de estacionamento e menos ainda se são tão solitários como este

a estas horas. Começo a lembrar-me dos filmes de terror em que a rapariga vai a caminhar num deles e um desalmado vestido de preto aparece e esfaqueia-a até à morte. Bolas, que mau!

Assim que estou dentro do carro, tranco-o, abro a mala, tiro um lenço de papel e seco a cara. Estou encharcada! Mas quando vou a meter as chaves na ignição... zás!, caem-me. Praguejo às escuras e agacho-me para as procurar.

Toco no chão com a mão. Não estão à direita. À esquerda também não. Bom... encontro a embalagem de pastilhas que procurei há dias. Fixe! Continuo a tatear o fundo do carro e por fim encontro-as. É então que ouço risos perto de mim e olho em volta com cuidado para que não me vejam.

Oh, meu Deus!

Entre risos e camaradagem, vejo aproximarem-se a minha chefe e Miguel. Parecem divertidos. Isso deixa-me de mau humor. Eu a bulir até às onze e picos e eles na paródia. Que injustiça! De repente, a minha chefe e Miguel apoiam-se na coluna lateral e beijam-se.

Que filme...!

Não posso acreditar!

Semiagachada no interior do meu carro para que não me vejam, contenho a respiração. Por favor... por favor! Se se derem conta de que estou aqui, morrerrei de vergonha. E não. Não quero que isso aconteça. De repente, a minha chefe larga a mala e sem quaisquer contemplanções toca com decisão entre as pernas de Miguel. Está a tocar-lhe no material!!!

Por todos os santinhos! Mas que estou eu a ver?

Meu Deus! Agora é Miguel quem lhe mete a mão por debaixo da saia. Sobe-a, empurra-a para cima contra a coluna e começa a esfregar-se contra ela. Que cena!!!

Ai, mãe! Que faço?

Quero ir-me embora. Não quero ver o que fazem, mas também não consigo sair dali. Se arrancar com o carro, saberão que os apanhei. Assim sendo, agachada e sem me mexer, não posso deixar de olhar para o que eles estão a fazer. Então, Miguel volta a apoiá-la no chão e obriga-a a virar-se. Põe-na em cima do capô do carro e baixa-lhe as cuecas, primeiro com

a boca e a seguir com as mãos. Porra, estou a ver o rabo à minha chefe! Que horror! E naquele momento ouço Miguel a perguntar-lhe:

– Diz-me, que queres que te faça?

A minha chefe, como uma gata no cio, murmura entregue à causa:

– O que quiseres... o que tu quiseres.

Que cena, meu Deus, que cena! E eu na primeira fila. Só me faltam as pipocas.

Miguel volta a empurrá-la para cima do capô. Abre-lhe as pernas e mete a boca no sexo dela. Ai, mãe! Mas que estou eu a testemunhar? A minha chefe, a senhora *Não-me-toques*, solta um gemido e tapo os olhos. Mas a curiosidade, a luxúria ou lá como isso se chama vence-me e torno a destapá-los. Sem pestanejar, vejo como ele, depois de lamber os lábios, se afasta dela alguns centímetros e lhe enfia um dedo, a seguir dois e, levantando-se, a agarra pela cabeleira escura e lha puxa enquanto move os seus dedos a um ritmo que, para quê negá-lo, faria suspirar qualquer uma.

– Siiiiiiiiiiiiim! – ouço a minha chefe gemer.

Respiro com dificuldade.

Vai-me dar alguma coisa.

Que calor!

Quer goste ou não, ver aquilo está a deixar-me frenética, e não por estar cheia de nervos. As minhas relações sexuais são normalíssimas, assim mais para o previsível, de modo que na verdade ver aquilo ao vivo e em direto está a excitar-me.

Miguel abre a braguilha das suas calças cinzentas. Tira de lá um pénis de tamanho mais do que aceitável... Caramba, Miguel! E arregalo os olhos ao vê-lo enfiar-lho numa só estocada. Vou morrer! Mas de prazer... Bem, pela maneira como a minha chefe arfa...

Os meus mamilos estão duros e, de repente, apercebo-me de que lhes estou a tocar. Mas quando meti a mão por dentro da blusa? Apresso-me a tirar a mão dali, mas os mamilos e o centro do meu desejo protestam. Querem mais! Mas não. Não pode ser. Eu não faço essas coisas. Minutos depois, após vários gemidos e bamboleios, Miguel e a minha chefe recompõem-se. Ui! Já acabaram! Metem-se no carro e vão-se embora. Respiro aliviada.

Quando por fim volto a ficar sozinha no parque de estacionamento, ergo-me do meu esconderijo e sento-me no carro. As minhas mãos tremem. Os joelhos também. E noto que a minha respiração está acelerada. Exaltada pelo que acabo de presenciar, fecho os olhos enquanto me acalmo e penso como seria ter sexo desse calibre. Ardente!

Dez minutos depois, arranco com o carro e saio do parque de estacionamento. Vou beber umas cervejas com os meus amigos. Preciso de me refrescar e de refrescar a minha acalorada... mente.

Capítulo 2

No dia seguinte, quando chego ao escritório, todos parecem felizes. Cruzo-me com Miguel e não consigo evitar sorrir. Ele e a chefe. Se eles soubessem que os vi... Mas, como não quero pensar nisso, dirijo-me à minha secretária e enquanto ligo o computador vejo-o aproximar-se de mim.

– Bom dia, Judith.

– Bom dia.

Miguel, além de ser meu colega, é um tipo muito simpático. Desde o primeiro dia que vim para a empresa foi um encanto comigo e damo-nos muito bem. Quase todas no trabalho se babam por ele, mas, não sei porquê, em mim não surte o mesmo efeito. Será por eu não gostar de bonzões sorridentes? Mas, claro, agora, sabendo o que sei e tendo visto o seu aparelhinho em ação, não posso evitar olhá-lo de outra maneira enquanto tento não gritar: «Eh, garanhão!»

– Lembras-te que hoje à tarde há uma reunião geral?

– Sim.

Como é de esperar, sorri-me, agarra-me o braço e diz:

– Anda lá, vamos tomar um café. Sei que estás a morrer por um cafezinho e uma torrada da cafetaria.

Devolvo-lhe o sorriso. O sacaninha conhece-me mesmo bem... Além de ser simpático e giro, o tipo não deixa escapar uma. Esse, junto com o seu sorriso perpétuo, é o grande atrativo de Miguel. Não se esquece dos pormenores. Daí que consiga engatar todas as raparigas.

Quando chegamos à cafeteria do nono andar, vamos ao balcão, fazemos o nosso pedido e dirigimo-nos à nossa mesa. Digo nossa mesa porque sentamo-nos sempre ali. Paco e Raúl vêm ter connosco. Um casalinho *gay* com que me dou muito bem. Como sempre, dão-me beijinhos no pescoço e fazem-me rir. Começamos os quatro a falar e lembro-me do que vi na noite anterior no parque de estacionamento. Miguel e a chefe. Que grande queca daquelas bem escaldantes que eles deram à minha frente. Caramba, o meu colega é um portento!

– Que se passa contigo? – pergunta Miguel. – Pareces distraída.

Isso traz-me de volta. Olho para ele e respondo-lhe, tentando esquecer as imagens que pululam pela minha mente:

– Estou na Lua, eu sei. O meu gato está cada dia mais apagadito e...

– Que pena, o *Currito* – murmura Paco e Raúl faz-me um gesto compreensivo.

– Oh, lamento, linda – responde Miguel, enquanto me pega na mão.

Falamos durante um bocado sobre o meu gato e isso deixa-me ainda mais triste. Adoro o *Curro* e, inevitavelmente, cada dia que passa, cada hora, cada minuto, a sua vida encurta-se um pouco mais. É algo que aprendi a assumir desde que o veterinário mo disse, mas ainda assim custa-me. Custa-me muito.

De repente, chega a minha chefe, rodeada por vários homens, como sempre. É uma devoradora de homens! Miguel olha para ela e sorri. Eu fico calada. A minha chefe é uma mulher muito atraente. Bem, uma cinquentona potente, uma morena vistosa, solteira, mas não muito boa rapariga, e a quem foram atribuídos vários casos na empresa. Cuida-se como ninguém e não falta um único dia ao ginásio. Ou seja, ela gosta... de agradar.

– Judith – interrompe-me Miguel. – Ainda te falta muito?

Volto a mim e deixo de olhar para a minha chefe para olhar para o meu pequeno-almoço. Engulo um bocado de café e respondo:

– Acabado!

Levantamo-nos os quatro e saímos da cafeteria. Temos de começar a trabalhar.

Uma hora depois, após ter tirado as fotocópias pertinentes e acabado o recurso, dirijo-me ao gabinete da minha chefe. Bato à porta e entro.

– Aqui tem o contrato terminado para a delegação de Albacete.

– Obrigada – responde enquanto lhe dá uma olhadela.

Como de costume, fico parada diante dela à espera das suas ordens. Adoro o cabelo da minha chefe, tão ondulado, tão cuidado. Não tem nada a ver com o meu cabelo escuro e liso que costumo apanhar num rabo-de-cavalo alto. Toca o telefone e atendo-o antes que ela olhe para mim.

– Gabinete da senhora Mónica Sánchez. Está a falar com a secretária, a menina Flores, em que posso ajudá-lo?

– Bom dia, menina Flores – responde uma voz profunda de homem com um certo tom estrangeiro. – Fala Eric Zimmerman. Gostaria de falar com a sua chefe.

Ao reconhecer aquele nome, reajo com rapidez.

– Um momento, senhor Zimmerman.

A minha chefe, ao ouvir aquele nome, larga os papéis que tinha em mãos naquele momento e, depois de me arrancar o telefone das mãos, diz com um sorriso encantador nos lábios:

– Eric... que alegria ter notícias tuas! – Depois de um pequeno silêncio, continua: – Claro, claro. Ah! Mas já chegaste a Madrid? – Então dá uma gargalhada mais falsa que uma moeda de um euro com a cara do Popeye e sussurra: – Claro, Eric. Espero por ti às duas na receção para almoçarmos.

E depois de ter dito isto, desliga e olha para mim.

– Faz-me uma marcação no cabeleireiro para daqui a meia hora. A seguir, reserva para dois no restaurante de Gemma.

Dito e feito. Cinco minutos mais tarde sai disparada do escritório e regressa meia hora depois com o cabelo ainda mais lustroso e bonito e com a maquilhagem retocada. Às duas menos um quarto vejo que Miguel bate à sua porta e entra. Que filme! Não quero nem pensar no que estarão a fazer. Passados cinco minutos ouço gargalhadas. Às duas menos cinco, a porta abre-se, ambos saem e a minha chefe aproxima-se de mim.

– Judith, já podes ir almoçar. E lembra-te: estarei com o senhor Zimmerman. Se às cinco não tiver voltado e precisares de alguma coisa, liga-me para o telemóvel.

Quando a bruxa má e Miguel saem respiro por fim aliviada. Solto o cabelo e tiro os óculos. A seguir pego nas minhas coisas e dirijo-me

ao elevador. O meu gabinete fica no 17.º andar e o elevador para nos vários pisos para ir recolhendo outros trabalhadores, de modo que costuma sempre demorar a chegar ao rés do chão. De repente, entre o 6.º andar e o 5.º, o elevador dá um solavanco e para. Ligam-se as luzes de emergência e Manuela, da secção de embalagem, desata a gritar.

– Ai, minha Nossa Senhora! Que se passa?

– Calma – respondo. – Deve ter falhado a eletricidade e de certeza que voltará em breve.

– E quanto tempo irá demorar?

– Pois não sei, Manuela. Mas se ficares nervosa, irás passar um mau bocado e parecer-te-á uma eternidade. Assim, respira e verás como a eletricidade volta num abrir e fechar de olhos.

Porém, vinte minutos depois a luz continua a brilhar pela sua ausência e Manuela, junto com várias raparigas da contabilidade, entra em pânico. Percebo que tenho de fazer alguma coisa.

Vejam. A mim não me agrada nada estar fechada num elevador. Sufoca-me bastante e começo a transpirar. Se entrar em pânico, será pior, de modo que decido procurar soluções. A primeira coisa que faço é apalhar o cabelo na nuca e prendê-lo com uma caneta. A seguir dou a minha garrafa de água a Manuela para ela beber e tento agradecer com as raparigas da contabilidade enquanto vou distribuindo pastilhas de morango. Mas vou ficando cada vez mais quente, de modo que acabo por tirar um leque da mala e começo a abanar-me. Que calor!

Nesse momento, um dos homens que se mantinham num segundo plano apoiado no elevador aproxima-se de mim e agarra-me pelo cotovelo.

– Estás bem?

Sem olhar para ele e sem parar de me abanar, respondo-lhe:

– Uf! Minto-te ou digo-te a verdade?

– Prefiro a verdade.

Divertida, viro-me para ele e, de repente, o meu nariz choca com um blusão cinzento. Cheira muito bem. Perfume caro.

Mas que faz ele tão perto de mim?

Recuo um passo de imediato e olho-o para ver de quem se trata. Desde logo, é alto, chego-lhe à altura do nó da gravata. Também tem cabelo castanho, a puxar para o louro, é jovem e os olhos são claros. Não me diz

nada e, ao vê-lo olhar-me à espera de uma resposta, sussurro para que só ele me possa ouvir.

– Aqui entre nós, nunca gostei de elevadores, e se as portas não se abrirem em breve, vou-me passar dos carretos e...

– Carretos?

– Hum-hum...

– O que é «passar-se dos carretos»?

– Isso, na minha língua, quer dizer perder a compostura e enlouquecer – respondo-lhe sem parar de me abanar. – Vai por mim. Não ias gostar de me ver nessa situação. Se não tiver cuidado, até começo a espumar pela boca e a girar a cabeça como a miúda de *O Exorcista*. Bem, uma grande cena! – Os meus nervos aumentam e pergunto-lhe, numa tentativa de me acalmar: – Queres uma pastilha de morango?

– Obrigado – responde, tirando uma.

Mas o engraçado é que a desembrulha e mete-na na boca. Aceito-a surpreendida e, sem saber porquê, abro outra pastilha e faço a operação inversa. Ele, divertido, também aceita.

Olho para Manuela e companhia. Continuam histéricas, a transpirar e pálidas. De modo que, disposta a não aumentar a minha histeria, tento meter conversa com o desconhecido.

– És novo na empresa?

– Não.

O elevador move-se e começam todas a gritar. Não sou menos que as outras. Agarro-me ao braço do homem em questão e torço-lhe a manga. Quando me apercebo, apresso-me a largá-lo.

– Perdão... perdão... – desculpo-me.

– Calma, não há problema.

Mas não consigo ficar calma. Como posso ficar calma fechada num elevador? De repente sinto um ardor no pescoço. Abro a mala e tiro um espelhinho do *nécessaire*. Vejo-me nele e começo a praguejar.

– Merda, merda! Estou a ficar cheia de borbulhas!

Vejo que o homem me olha surpreendido. Afasto o cabelo do pescoço e mostro-lhe.

– Quando fico nervosa aparecem-me bolhinhas na pele, vês?

Ele assente e eu coço-me.

– Não – diz, agarrando-me na mão. – Se fizeres isso vai piorar.

E sem perder tempo, agacha-se e sopra-me no pescoço. Oh, meu Deus! Como cheira bem e quanto é agradável sentir aquele arzinho! Dois segundos mais tarde, dou-me conta da minha figura ridícula ao soltar um gemido.

Que estou a fazer?

Tapo o pescoço e tento desviar o assunto.

– Tenho duas horas para almoçar e, se continuarmos aqui, hoje não como!

– Suponho que o teu superior entenderá a situação e te permitirá que chegues um pouco mais tarde.

A frase faz-me sorrir. Este não conhece a minha chefe.

– Creio que supões muito. – Cheia de curiosidade, digo-lhe: – Pelo teu sotaque, és...

– Alemão.

Não estranho. A minha empresa é alemã e todos os dias pululam por ali teutões como aquele. Mas, sem conseguir evitar, olho-o com um sorrisinho malicioso.

– Boa sorte para o Campeonato Europeu!

Então ele, com expressão séria, encolhe os ombros.

– Não ligo a futebol.

– Não?!

– Não.

Surpreendida por um homem, um alemão, não gostar de futebol, incho-me de orgulho ao pensar na nossa seleção e sussurro para mim mesma:

– Pois não sabes o que perdes.

Sem se alterar, ele parece ler-me a mente e torna a aproximar-se da minha orelha, deixando-me com pele de galinha.

– Seja como for, ganhando ou perdendo, aceitaremos o resultado – murmura-me.

Dito isto, recua um passo e regressa ao seu sítio.

Ter-se-á aborrecido com o meu comentário?

Faço o mesmo que ele e viro-me para não ter de o ver. Olho para o relógio; três menos um quarto. Merda! Já perdi quarenta e cinco minutos

da minha hora de almoço e já não me dá tempo para ir ao Vips. Com a vontade que tinha de comer uma Vips Club... Enfim! Vou ao bar de Almudena e como uma *bocata*. Não tenho tempo para mais.

De repente, as luzes acendem-se, o elevador retoma o andamento e todos ali dentro aplaudimos.

A começar por mim!

Movida pela curiosidade, volto a olhar para o desconhecido que se preocupou comigo e vejo que ele continua a observar-me. Bolas, com luz é mais alto e mais *sexy*!

Quando o elevador chega ao piso zero e as portas se abrem, Manuela e as raparigas da contabilidade saem de lá de dentro como cavalos desabridos entre gritos e histerismos. Ainda bem que não sou assim. A verdade é que sou um bocado maria-rapaz. O meu pai criou-me assim. Contudo, quando saio, fico parada ao ver a minha chefe.

– Eric, por amor de Deus! – ouço-a dizer. – Quando descí para me encontrar contigo e irmos almoçar e recebi a tua mensagem a dizer que estavas preso no elevador, fiquei para morrer! Que angústia! Estás bem?

– Muito bem – responde a voz do homem que falou comigo apenas uns momentos antes.

De repente, a minha cabeça rebobina. Eric. Almoço. Chefe. Eric Zimmerman, o chefão, é o tipo a quem disse que sou como a miúda de *O Exorcista* e a quem meti uma pastilha de morango na boca? Fico vermelha como um tomate e recuso-me a olhá-lo de frente.

Meu Deus! Sou mesmo ridícula!

Quero escapar dali o quanto antes, mas então sinto alguém a agarrar-me pelo cotovelo.

– Obrigado pela pastilha... menina?

– Judith – responde a minha chefe. – É a minha secretária.

O agora identificado como senhor Eric Zimmerman assente e, sem se importar com a cara da minha chefe, porque não olha para ela e sim para mim, diz:

– Então é a menina Judith Flores, certo?

– Sim – respondo-lhe como se fosse idiota. Como uma atrasada mental!

A minha chefe farta-se de não se sentir a protagonista do momento e agarra-o possessivamente pelo braço, puxando-o.

– E que tal irmos almoçar, Eric? É tardíssimo!

Como se me tivessem plantado no átrio da empresa, levanto a cabeça e sorrio. Instantes depois, aquele impressionante homem de olhos claros afasta-se, ainda que, antes de sair porta fora, se vire e olhe para mim. Quando por fim desaparece, suspiro e penso: *Por que não fiquei caladinha no elevador?*